

Experiência de uma atividade educativa sobre a gravidez na adolescência em uma clínica da família da cidade do Rio de Janeiro

Experience of an educational activity on adolescent pregnancy in a family clinic in the city of Rio de Janeiro

Jéssica Renata Bastos Depianti

Professora Adjunta da Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0002-9157-3159>
E-mail: jrbdepianti@gmail.com

Gabriela Lima Reis Mourão

Acadêmica de Enfermagem pela Universidade Estácio de Sá
Orcid ID: <https://orcid.org/0009-0000-1929-8802>
E-mail: gabrielalimareism@gmail.com

Bruna da Silva Lyrio

Acadêmica de Enfermagem pela Universidade Estácio de Sá
Orcid ID: <https://orcid.org/0009-0005-0130-0886>
E-mail: lyrio.bruna@yahoo.com.br

Roseane Nunes da Silva

Acadêmica de Enfermagem pela Universidade Estácio de Sá
Orcid ID: <https://orcid.org/0009-0005-9925-1137>
E-mail: nunesmag14@gmail.com

Giulia Pinto Antoniol

Acadêmica de Enfermagem pela Universidade Estácio de Sá
Orcid ID: <https://orcid.org/0009-0008-4997-0709>
E-mail: giuliantoniool@gmail.com



Karolina de Aquino Pereira

Acadêmica de Enfermagem pela Universidade Estácio de Sá

Orcid ID: <https://orcid.org/0009-0006-7619-8908>

E-mail: karolaqino@gmail.com

Renata de Moura Bubadué

Professora Adjunta da Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0001-8121-1069>

E-mail: renatabubadue@gmail.com

Resumo

A gravidez na adolescência constitui um importante desafio para a saúde pública, pois impacta o desenvolvimento biopsicossocial e pode comprometer a trajetória educacional, profissional e afetiva dessa população. Esse fenômeno está frequentemente relacionado às condições estruturais, como a vulnerabilidade social, que se manifesta na dificuldade de acesso à educação sexual, nas desigualdades de gênero e na ausência de políticas públicas efetivas. Nesse contexto, o presente estudo objetiva relatar a experiência de atividade educativa mediada pela arte acerca da gravidez com adolescentes. O cenário foi uma clínica da família localizada na Zona Norte da cidade do Rio de Janeiro. A atividade foi desenvolvida em novembro de 2023 por estudantes de enfermagem, na qual foram utilizadas cartolinas com desenhos de corpos vazados de um menino e uma menina grávida, além de canetas hidrográficas e lápis coloridos. Participaram oito adolescentes do programa RAP da Saúde, que abordaram questões como abandono familiar, desconhecimento sobre métodos contraceptivos, culpabilização da mulher, desigualdade de gênero, imposições religiosas e os impactos psicossociais da gestação precoce. A atividade permitiu que os adolescentes expressassem sentimentos, dúvidas e reflexões, evidenciando a potência das linguagens artísticas na promoção de uma escuta qualificada e do diálogo. Nesse contexto, estratégias educativas lúdicas e sensíveis contribuem para a construção do protagonismo do adolescente, fortalecendo

sua autonomia e o autocuidado na vivência da sexualidade.

Palavras-chave: Gravidez na Adolescência; Educação em Saúde; Saúde do Adolescente.

Abstract

Adolescent pregnancy remains a significant public health challenge, as it affects the biopsychosocial development of young people and may compromise their educational, professional, and emotional trajectories. This phenomenon is often linked to broader social vulnerabilities, including limited access to comprehensive sexuality education, gender inequalities, and the absence of effective public policies. These structural conditions expose adolescents to heightened risks, hindering the protection of their rights and the promotion of their healthy development. In this context, the present study aims to report on an educational activity mediated by art focused on pregnancy among adolescents. The initiative took place at a family health clinic located in the Northern Zone of Rio de Janeiro, Brazil, in November 2023, and was conducted by undergraduate nursing students. The activity used artistic materials, including poster boards with outlined drawings of a pregnant girl and a boy, along with markers and colored pencils. Eight adolescents from the "RAP da Saúde" program participated in the activity, discussing topics such as family abandonment, lack of knowledge about contraceptive methods, female blame, gender inequality, religious impositions, and the psychosocial impacts of early pregnancy.



The activity created a safe and expressive space for adolescents to share their feelings, questions, and reflections, highlighting the potential of artistic languages to foster meaningful dialogue and active listening. In this sense, creative and sensitive educational

strategies contribute to the development of adolescent agency, strengthening their autonomy and self-care in the context of sexuality.

Keywords: Adolescent pregnancy; Health Education; Adolescent Health.

Área de extensão: Saúde

Introdução

A adolescência é uma fase de transição entre a infância e a vida adulta, marcada por diversas alterações biopsicossociais. No Brasil, o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) delimitou cronologicamente de 12 a 18 anos incompletos (Brasil, 1996). É um período da vida em que diversas mudanças e transformações ocorrem, sejam elas hormonais, corporais, relacionais, afetivas e da sexualidade. Tais transformações são frequentemente relacionadas ao início da vida sexual, delimitando a adolescência essencialmente como um período de novas vivências (Brasil, 2010).

Dentro desse recorte etário, a gravidez emerge como um problema, sendo frequentemente atribuída à falta de conhecimento sobre métodos contraceptivos, bem como relacionada ao nível socioeconômico dos adolescentes. As classes econômicas mais vulneráveis manifestam esse fenômeno com maior frequência. Além disso, a desinformação sobre sexualidade e direitos sexuais e reprodutivos facilita a ocorrência de gestações precoces (Almeida *et al.*, 2020; Miranda; Beretta; Gimenes, 2021).

Em 2023, o Sistema de Informações sobre Nascidos Vivos reportou que mais de mil adolescentes se tornam mães todos os dias, e a cada hora nascem quarenta e quatro bebês de mães adolescentes (Brasil, 2023). A experiência da gravidez pode trazer diversas repercussões, especialmente em relação às questões biológicas para as meninas, cujos corpos ainda estão em processo de desenvolvimento (Assis *et al.*, 2022). O sistema reprodutor, em fase de maturação, pode estar apto para manter uma gestação sem riscos



tanto para a mãe quanto para o feto, no entanto pode impactar no crescimento de ambos. Ademais, tem-se o uso de álcool e drogas, pré-natal precário, além de complicações como tentativas de aborto, anemia, desnutrição, obesidade e hipertensão, podendo levar ao risco da prematuridade (Diabelková *et al.*, 2023; Karaçama; Çakaloza; Demir, 2021).

A falta de apoio familiar, a pressão social e os desafios financeiros podem contribuir para o estresse e a ansiedade, afetando negativamente sua saúde mental e bem-estar geral, como também maior déficit no desenvolvimento e crescimento. Somada a isso, a gravidez na adolescência está associada à pobreza, desemprego, entrada precoce no mercado de trabalho não qualificado, além de situações como separação conjugal, violência e negligência, levando à redução da mobilidade social (Almeida *et al.*, 2020).

De acordo com o estudo de Miranda, Beretta e Gimenes (2021), os adolescentes afirmam não possuir o conhecimento apropriado acerca dos métodos contraceptivos. Além disso, relatam que suas famílias sentem desconforto ao abordar esses temas e, por isso, têm acesso às informações sobre o assunto fora da escola e dos serviços de saúde.

Ao oferecer educação sexual numa perspectiva integral, com acesso a métodos contraceptivos e suporte social e emocional, é possível contribuir para a redução dos riscos associados à gravidez, promovendo a saúde e o bem-estar das adolescentes (Olajubu *et al.*, 2021).

Diante disso, o governo brasileiro instituiu a Semana de Prevenção da Gravidez na Adolescência por meio da Lei nº 13.798/2019, que visa informar sobre medidas preventivas e educativas para reduzir a incidência da gravidez com esse público (Brasil, 2019). Contudo, para se realizar atividades com os adolescentes, faz-se necessário o uso da criatividade, a exemplo da arte, que desempenha um papel essencial no desenvolvimento emocional e criativo dos adolescentes, oferecendo uma maneira de explorar medos, mitos e ideias sobre o tema (Silva *et al.*, 2024).

A literatura aponta o predomínio de estratégias informativas e normativas que são centradas na prevenção de agravos. Por outro lado, estudos que utilizam abordagens participativas que incorporam a arte têm se mostrado potentes para promover engajamento, protagonismo e a expressão de vivências e significados relacionados a temas sensíveis



como a gravidez. Entretanto ainda são escassas as experiências descritas no cotidiano dos serviços (Oystrick; Coholic; Schinke, 2024; Toledo *et al.*, 2025).

Assim, este artigo tem como objetivo relatar a experiência de atividade educativa mediada pela arte acerca da gravidez com adolescentes.

Método

Trata-se de um relato de experiência de uma atividade educativa mediada pela arte sobre gravidez na adolescência, realizada por estudantes de enfermagem de uma universidade privada. A atividade foi desenvolvida em novembro de 2023 em uma clínica da família localizada na Zona Norte da cidade do Rio de Janeiro, pertencente à área programática 1.0. Os adolescentes convidados a participar faziam parte do projeto da prefeitura RAP da Saúde (Rede de Adolescentes e Jovens Promotores de Saúde), no qual os jovens com idade entre 14 e 24 anos são orientados quanto à promoção da saúde, prevenção de doenças e agravos, direitos humanos, cidadania e cultura.

Os materiais utilizados foram cartolinas com desenhos de silhuetas de um menino e uma menina grávida, além de canetas hidrográficas e lápis coloridos (Figura 1). Após a distribuição dos materiais, os adolescentes foram organizados em dois grupos e foi feita a seguinte pergunta: “Quais os impactos na vida de meninos e meninas ao receber a notícia da gravidez?”. Cada grupo teve 20 minutos para desenvolver suas criações artísticas livremente. Após o término da atividade, os adolescentes apresentaram suas produções, o que gerou novos questionamentos. Além disso, foi possível esclarecer dúvidas e fornecer orientações sobre o tema abordado.



Figura 1 — Materiais utilizados na atividade educativa



Fonte: Autoras (2025).

Por se tratar de um relato de experiência, não houve submissão ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), conforme a Resolução nº 510/2016 (Brasil, 2016). No entanto é importante destacar que os princípios éticos da autonomia, beneficência, não maleficência, sigilo e integridade foram respeitados, conforme as diretrizes do Conselho Nacional de Saúde.

Relato da experiência

Oito adolescentes, sendo seis meninas e dois meninos, participaram da atividade. A duração foi de uma hora e meia e puderam expressar, por meio da arte, os impactos da gravidez na adolescência. Para melhor descrição dos resultados, os dados foram organizados conforme a produção artística de cada grupo.

Na imagem do menino, o grupo 1 expressou uma variedade de opiniões sobre questões familiares, sociais e econômicas. Sendo assim, a tônica dos registros indica desconfiança quanto à paternidade: “DNA!”, “Ela traiu!”, “Mas a gente se protegeu, não é meu”. Além disso, também fica evidente a fixidez identitária de gênero como justificativa



para a gravidez: “Quem pariu foi ela!”; “Errei, fui moleque”; “Ele ainda é moleque”; “Tudo bem, ele é homem, acontece!”; “Os amigos dizem pra ralar, mas eu sou homem e meu filho vai ser homem também”; bem como a gerência do corpo da mulher quando um menino afirma “Eu não vou deixar ela abortar”.

A interseccionalidade emerge na fala dos adolescentes quando descrevem a falta de conhecimento e a crença em informações falsas sobre métodos contraceptivos em decorrência da pobreza de onde vivem: “Engravidar quem quer é *fake news* porque o pobre da comunidade sofre por falta de informação”. Por fim, também há a indicação de posturas morais e religiosas que ratificam a responsabilidade do pai e a sua consequente modificação do planejamento de vida: “Se acontece, é porque Deus permitiu; e se Deus permitiu, é porque eu sou capaz”; “Já vivi muito pra mim, agora é hora de viver pra ele(a)”; “Vou ter que largar os estudos e arrumar um emprego”.

Por sua vez, na imagem da menina, o grupo 1 expressou questões emocionais ligadas à tristeza representadas pelo choro e abandono. Tem-se a falta de apoio e abandono da família e do genitor: “Degradação familiar”; “Abandono familiar”; “Mãe solteira”; “Expulsa”; “Abandono do pai da criança e a falta do amparo familiar”.

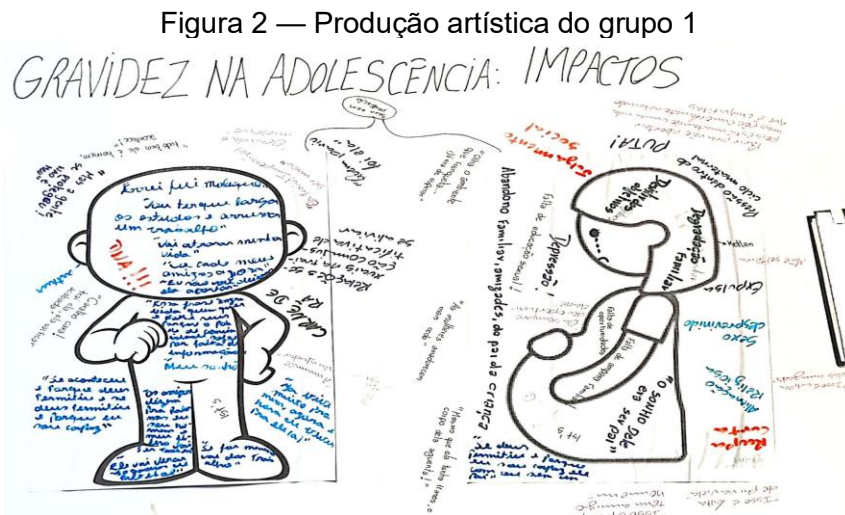
É interessante salientar o registro, assim como na figura masculina, que indicam certa fixação identitária de gênero, uma vez que caberia à figura feminina o lugar de assunção exclusiva do cuidado parental e a responsabilidade quanto à gravidez: “Presença dentro do ciclo maternal”; “Putas”; “Roupa curta”; “Isso é culpa das amigas”; “Olha o ambiente que frequenta, já era de se esperar”. Além disso, os adolescentes mencionaram uma reportagem que relatava o caso de uma menina vítima de abuso sexual, na qual se afirmava, de forma questionável, que ela estaria biologicamente preparada para ser mãe independentemente da idade: “Mesmo que ela tenha 11 anos, o corpo dela aguenta!”; “As mulheres amadurecem mais cedo”. Essa perspectiva, no entanto, desconsidera os riscos físicos, emocionais e sociais envolvidos em uma gestação precoce.

Os adolescentes, de forma geral — e não apenas as meninas —, destacaram também o não uso dos métodos contraceptivos devido à falta de esclarecimento e educação sexual, além de reverberarem crenças religiosas e morais sobre aborto, quando



o igualam com o ato de matar: “Métodos contraceptivos e a falta de conhecimento das ISTs”; “A falta de educação sexual”; “Sexo desprevendo”. Registraram ainda a possibilidade ou não do aborto, indicando que esta é uma realidade presente no “Parir pra não abortar, pois está matando uma vida, mas põe em um orfanato achando que é *Chiquititas!*”; “Carne de rã” (metáfora para os locais de aborto clandestino).

A produção artística dos adolescentes do grupo 1 está ilustrada na Figura 2.



Fonte: Autoras (2025).

No grupo 2, os adolescentes expressaram, na imagem do menino, questões relativas à saúde mental: “Falta de paz interior”; “Transtorno mental”; “Sensação de poder e revolta”. Também foram registrados temas ligados à família como: “Suporte familiar”; “Apoio familiar” e o “Abandono parental”.

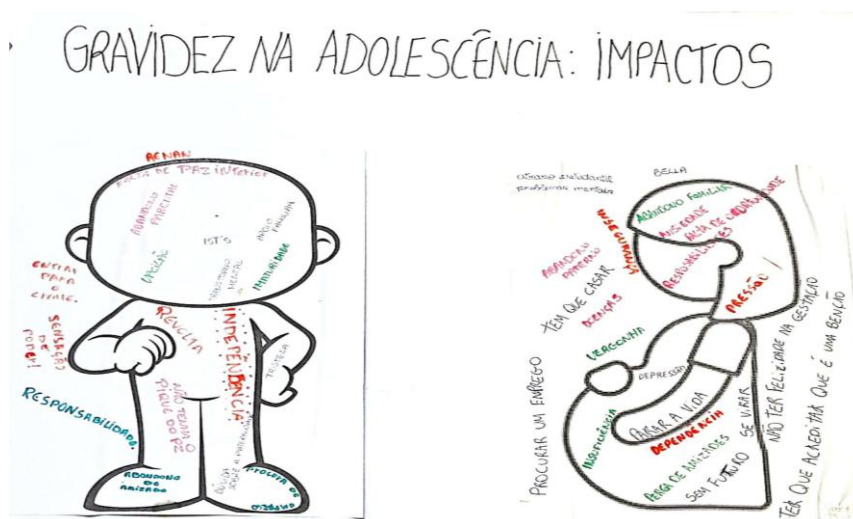
Outro ponto destacado é a falta de responsabilidade (“vacilão”), o afastamento dos amigos (“abandono de amizade”) e a não condição financeira (questões socioeconômicas), como a de cantor famoso para dar suporte nessa fase: “Não ter o pique do PZ (cantor de *trap* que tem cinco filhos)”. Assim, destacaram a necessidade de “entrar para o crime” ou “procurar um emprego”, de modo a suprir os custos financeiros da paternidade.



Tal qual a imagem do menino, questões relacionadas à “tristeza”, sensação de “insuficiência” e “pressão”/“ansiedade” indicam transformações de cunho psicológico, acarretando a “Não ter felicidade durante a gestação”. Associada a isso, há a frequente ligação da figura feminina com a temática do abandono parental que a gravidez expõe: “abandono familiar” e “abandono paterno”.

O grupo também reforçou questões de gênero quando referiu que a menina sente “vergonha”; “falta de oportunidade” e “tem que casar”. Assim, a menina, quando engravida, passa a ter “responsabilidades”, necessitando “se virar”, “abandonar os estudos” e “procurar um emprego”. Além disso, é notado o dogmatismo religioso na interpretação da gravidez ao escreverem que “Acreditar que é uma bênção” e “Tem que aceitar”. A figura 3 ilustra a produção artística do grupo 2.

Figura 3 — Produção artística do grupo 2



Fonte: Autoras (2025).

Resultados e discussão

De acordo com o que foi visto anteriormente, alguns pontos merecem destaque, seja pelo fato de indicarem concepções sedimentadas localmente (isto é, de acordo com a hermenêutica social em meio a qual a produção artística teve lugar), seja pelo fato de



dialogarem estreitamente com a temática da gravidez na adolescência de forma mais abrangente, indicando que o tema em análise reserva certos elementos transcendentais à estrita localidade geográfica. Isso é mostrado por pesquisas que apontam semelhanças quanto à interpretação e ao lugar da gravidez na adolescência em diversos países, como Reino Unido, Cuba e Coreia do Sul (Góngora-Ávila *et al.*, 2022; Luttges *et al.*, 2021; Nam; Oh; Park, 2022).

Nesse mote, é importante evidenciar que a interpretação dos achados artísticos dos grupos analisados precisa acontecer nesse âmbito local, do mesmo modo que necessitam dialogar com o espectro mais amplo, talvez ontológico, do lugar da gravidez na adolescência no mundo contemporâneo como um todo.

Construções negativas sobre a gravidez emergiram no discurso dos adolescentes, que associaram esse processo à patologização psíquica e mental, ressignificando esse fenômeno humano como algo que produz doença. Um estudo na África Subsaariana apontou que as questões relativas à saúde mental não se restringem às mães adolescentes, mas também aos pais, que se deparam com novas responsabilidades e a necessidade de entrar na fase adulta precocemente devido à chegada de uma criança (Roberts *et al.*, 2021).

A gravidez foi compreendida, pelos adolescentes, como um marco de transição para a fase adulta, uma vez que a associaram com responsabilidade. Nesse sentido, os adolescentes são compulsoriamente colocados em uma situação que demanda comprometimento emocional, financeiro e social. Estudos apontam que eles precisam entrar no mercado de trabalho precocemente e atender às demandas não apenas econômicas, mas também às emocionais e às sociais a partir do gestar alguém e seu nascimento (Vasilenko, 2022).

No Brasil, a emancipação de adolescentes se dá por duas formas: gravidez e/ou casamento. Nesse sentido, essas experiências não têm só repercussão pessoal na vida desses adolescentes, mas também legal (Silva *et al.*, 2024). Enfrentar essa nova realidade requer apoio e segurança familiar.



Um estudo realizado em Minas Gerais evidenciou que o apoio da família durante do evento da gravidez é essencial para que as adolescentes atravessassem situações de gênero e preconceito durante o período gravídico (Campos *et al.*, 2025).

Em ambas as produções, os adolescentes trouxeram questões de gênero que envolvem a forma como meninos e meninas são percebidos frente à gravidez. O machismo estrutural com recorte interseccional e de religião emerge nas falas de ambos, que culpabilizam as meninas pela gravidez, questionam a paternidade, utilizam palavras pejorativas para descrevê-las, relacionam condições sociais com acesso à informação, destacam a religiosidade para justificar posicionamentos que igualam o direito ao aborto com o ato de matar.

O machismo estrutural é definido como um sistema desigual de poder e recursos dentro de um sistema de gênero. Na adolescência, ele interfere na transição precoce de adolescentes para a parentalidade, sendo crenças conservadoras e religiosas fatores que podem suscitar na constituição compulsória de famílias. Além disso, alguns adolescentes sugerem o aborto em locais clandestinos como uma forma da interrupção da gravidez como estratégia para minimizar o problema (Su; Musick, 2024).

No Brasil, o aborto é legalizado em situações de violência (Monteiro; Rotondano, 2022). No entanto o acesso ao serviço especializado que garanta esse direito, nos moldes da lei, ainda é difícil para a maioria das adolescentes grávidas, que se encontram em situação de vulnerabilidade por serem menores, mulheres e, majoritariamente, negras (Pinto *et al.*, 2024).

Um estudo desenvolvido em cinco cidades brasileiras evidenciou que os adolescentes enfrentam diversos desafios que os vulnerabilizam no que tange à saúde sexual e reprodutiva, como as dificuldades de acesso à informação e serviços. Não conhecer seus direitos, estigma e preconceito com o assunto e pouco diálogo são alguns exemplos de barreiras que surgem nessa população (Monteiro *et al.*, 2025), algo semelhante ao relatado pelos adolescentes que participaram da atividade extensionista.

Constituir uma família na adolescência foi ressignificado como fonte de estresse e sofrimento, que pode reverberar em questões de saúde mental e de psiquiatria. A



paternidade provoca sentimentos contraditórios na vida dos meninos. Por um lado, a associam com responsabilidade, trabalho e redução de consumo de álcool e drogas; por outro, abdicar de lazer, abandono de planos e sonhos e perdas de experiências para assumir esse novo papel surge como contraponto aos sentimentos positivos. Para as meninas, a gravidez na adolescência repercute na conclusão dos estudos, dificuldade de inserção no mercado de trabalho e culpabilidade por não utilizar métodos contraceptivos (Miranda *et al.*, 2024).

Diante disso, torna-se fundamental incluir a temática nos diálogos com adolescentes nos serviços de saúde e educação. A abordagem articula-se ao Programa Saúde na Escola como espaço para ações educativas; à Política Nacional de Atenção Básica, ao reafirmar a atenção primária na promoção da saúde e prevenção de agravos; e à Política Nacional de Atenção Integral à Saúde do Homem, ao ampliar a participação dos meninos nas discussões sobre saúde sexual e reprodutiva desde a adolescência (Brasil, 2007, 2008, 2017).

Nesse contexto, a experiência distingue-se das práticas educativas descritas na literatura ao adotar a arte como mediação pedagógica, possibilitando a expressão de significados e a problematização de temas sensíveis. Essa abordagem favorece o protagonismo dos adolescentes, a construção compartilhada de saberes e a promoção da saúde por meio de práticas dialógicas e lúdicas.

Para as estudantes de enfermagem envolvidas, a atividade se constituiu de um espaço formativo, favorecendo o desenvolvimento de competências educativas, comunicativas e ético-políticas, ampliando a compreensão do papel da profissão na educação em saúde.

Conclusões

A atividade extensionista repercutiu na abertura de um canal de comunicação com os adolescentes sobre a temática da gravidez. O uso da arte como mediadora do diálogo



favoreceu a abordagem de um tema sensível, cujo estigma e preconceito persistem e emergem na forma de falas e comportamentos morais e religiosos que consideram aborto, por exemplo, algo errado. As questões de gênero emergiram na fala dos adolescentes, que tratavam a gravidez como uma responsabilidade que pode reverberar em questões de saúde mental e psiquiátrica.

Vale destacar que a extensão se configura como um espaço potente de diálogo com adolescentes, sendo fundamental a continuidade de ações educativas em seus espaços de convivência. O uso de estratégias que favorecem a escuta, o diálogo e a reflexão crítica possibilita a expressão de sentimentos, dúvidas e saberes, promovendo o protagonismo juvenil na construção de conhecimentos sobre sexualidade, direitos reprodutivos e planejamento familiar, com fortalecimento da autonomia, do autocuidado e da tomada de decisões sobre seus corpos e projetos de vida.

Contribuições individuais de cada autor na elaboração do trabalho

Jéssica Renata Bastos Depianti: concepção do estudo; análise e interpretação dos dados; discussão dos resultados; redação crítica do conteúdo; revisão e aprovação da versão final.

Gabriela Lima Reis Mourão: concepção do estudo; coleta de dados; análise e interpretação dos dados; discussão dos resultados; redação crítica do conteúdo; revisão e aprovação da versão final.

Bruna da Silva Lyrio: análise e interpretação dos dados; discussão dos resultados; redação crítica do conteúdo; revisão e aprovação da versão final.

Roseane Nunes da Silva: concepção do estudo; coleta de dados; análise e interpretação dos dados; discussão dos resultados; redação crítica do conteúdo; revisão e aprovação da versão final.



Giulia Pinto Antoniol: concepção do estudo; coleta de dados; análise e interpretação dos dados; discussão dos resultados; redação crítica do conteúdo; revisão e aprovação da versão final.

Karolina de Aquino Pereira: análise e interpretação dos dados; discussão dos resultados; redação crítica do conteúdo; revisão e aprovação da versão final.

Renata de Moura Bubadué: análise e interpretação dos dados; discussão dos resultados; redação crítica do conteúdo; revisão e aprovação da versão final.

Referências

ALMEIDA, A. H. V. *et al.* Prematuridade e gravidez na adolescência no Brasil, 2011 - 2012. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 36, n. 12, p. 00145919, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csp/a/6SLGV69GPhbkfhXbL4vZNVc/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 6 jun. 2025.

ASSIS, T. S. C. *et al.* Recurrence of teenage pregnancy: associated maternal and neonatal factor outcomes. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 27, n. 8, p. 3261-3271, 2022. DOI: <https://doi.org/10.1590/1413-81232022278.00292022EN>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/XnT756cTfWKzG66Zjh8jt7b/?lang=en>. Acesso em: 6 jun. 2025.

BRASIL. **Lei nº 13.798, de 3 de janeiro de 2019.** Acrescenta art. 8º-A à Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990 (Estatuto da Criança e do Adolescente), para instituir a Semana Nacional de Prevenção da Gravidez na Adolescência. Brasília, DF: Presidência da República, 2019. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2019-2022/2019/Lei/L13798.htm. Acesso em: 6 jun. 2025.

BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. **Resolução nº 510, de 7 de abril de 2016.** Trata sobre as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisa em ciências humanas e sociais. Brasília, DF: MS, 2016. Disponível em: <https://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2016/Reso510.pdf>. Acesso em: 6 jun. 2025.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Política Nacional de Atenção Integral à Saúde do Homem.** Brasília, DF: MS, 2008. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica_nacional_atencao_saude_homem.pdf. Acesso: 21 dez. 2025.

BRASIL. Ministério da Saúde. Por hora, nascem 44 bebês de mães adolescentes no Brasil, segundo dados do SUS. **Gov.br**, Brasília, DF, 2023. Disponível em:



<https://www.gov.br/ebserh/pt-br/comunicacao/noticias/por-hora-nascem-44-bebes-de-maes-adolescentes-no-brasil-segundo-dados-do-sus>. Acesso em: 6 jun. 2025.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Portaria nº 2.436 de 21 de setembro de 2017**. Aprova a Política Nacional de Atenção Básica, estabelecendo a revisão de diretrizes para a organização da Atenção Básica, no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS). Brasília, DF: MS, 2017. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2017/prt2436_22_09_2017.html. Acesso em: 21 dez. 2025.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção em Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. **Diretrizes nacionais para a atenção integral à saúde de adolescentes e jovens na promoção, proteção e recuperação da saúde**. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2010. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/diretrizes_nacionais_atencao_saude_adolescentes_jovens_promocao_saude.pdf. Acesso em: 6 jun. 2025.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria Executiva. Coordenação da Saúde da Criança e do Adolescente. **Programa Saúde do Adolescente**. Bases Programáticas. 2. ed. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 1996. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/cd03_05.pdf. Acesso em: 6 jun. 2025.

BRASIL. Ministério da Saúde; Ministério da Educação. **Decreto nº 6.286, de 5 de dezembro de 2007**. Institui o Programa Saúde na Escola - PSE, e dá outras providências. Brasília, DF: MS: MEC, 2007. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2007/decreto/d6286.htm Acesso em: 7 jun. 2025.

CAMPOS, M. B. de *et al.* Vivências da gravidez na adolescência: aspectos socioculturais e familiares. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, [s. l.], v. 24, n.12, p. e18565, 2025. DOI: <https://doi.org/10.25248/reas.e18565.2025>. Disponível em: <https://acervomais.com.br/index.php/saude/article/view/18565>. Acesso em: 7 jun 2025.

DIABELKOVÁ, J. *et al.* Adolescent pregnancy outcomes and risk factors. **International Journal of Environmental Research and Public Health**, v. 20, n. 5, p. 4113, 2023. DOI: <https://doi.org/10.3390/ijerph20054113>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/paideia/a/nFLk3nXXXsjWvSBndk6W5Ff/?lang=pt>. Acesso em: 7 jun. 2025.

GÓNGORA-ÁVILA, A. *et al.* Características sociodemográficas que influyen en el embarazo en la adolescencia. **Revista Cubana de Obstetricia y Ginecología**, La Habana, v. 48, n. 1, e976, 2022. Disponível em: <https://www.medigraphic.com/pdfs/revcubobsgin/cog-2022/cog221e.pdf>. Acesso em: 6 jun. 2025.

KARAÇAMA, Z.; ÇAKALOZA D. K.; DEMIR, R. The impact of adolescent pregnancy on maternal and infant health in Turkey: Systematic review and meta-analysis. **Journal of Gynecology Obstetrics and Human Reproduction**, [s. l.], v. 50, n. 4, e102093, 2021. DOI: <http://doi.org/10.1016/j.jogoh.2021.102093>. Disponível em: <https://www>.



sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S2468784721000350?via%3Dihub. Acesso em: 6 jun. 2025.

LUTTGES, C. *et al.* Pregnant again? Perspectives of adolescent and young mothers who and do not experience a repeat pregnancy in adolescence. **International Journal of Qualitative Studies on Health and Well-being**, [s. l.], v. 16, n. 1, p. 1898317, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1080/17482631.2021.1898317>. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/17482631.2021.1898317>. Acesso em: 7 jun. 2025.

MIRANDA, C. T. A. S.; BERETTA, D.; GIMENES, G. Métodos contraceptivos: dificuldades de adesão no período da adolescência. **Ensaios: Pesquisa e Prática em Educação e Saúde**, v. 5, n. 2, p. 37-54, 2021. DOI: <https://doi.org/10.24933/eusf.v5i2.177>. Disponível em: <https://ensaios.usf.edu.br/ensaios/article/view/177>. Acesso em: 7 jun. 2025.

MIRANDA, L. L. *et al.* “O hoje afetando o amanhã”: pesquisando gravidez na adolescência no cotidiano escolar. **Psicologia USP**, São Paulo: v. 35, e220115, 2024. DOI: <https://doi.org/10.1590/0103-6564e220115>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pusp/a/pqTBDzv8jxmLvCMKNTwQZtR/?lang=pt>. Acesso em: 7 jun. 2025.

MONTEIRO, C. S.; ROTONDANO, R. O. A interrupção voluntária da gestação no direito brasileiro à luz do direito da mulher à autodeterminação. **Opinião Jurídica**, Medellín, v. 21, n. 44, p. 130-150, 2022. DOI: <https://doi.org/10.22395/ojum.v21n44a7>. Disponível em: https://revistas.udem.edu.co/index.php/opinion/pt_BR/article/view/3586. Acesso em: 7 jun. 2025.

MONTEIRO, S. S. *et al.* Sexual and reproductive health of adolescents and young people: identification of demands and experiences based on a qualitative study in communities in five Brazilian cities. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 41, n. 4, e00047824, 2025. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0102-311XEN047824>. Acesso em: 7 jun. 2025.

NAM, J. Y.; OH, S. S.; PARK, E.-C. The association between adequate prenatal care and severe maternal morbidity among teenage pregnancies: a population-based cohort study. **Frontiers in Public Health**, [s. l.], v. 10, p. 782143, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.3389/fpubh.2022.782143>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csp/a/cGMhfmG98bgpnWZDpt9BvHD/?lang=en>. Acesso em: 7 jun. 2025.

OLAJUBU, A. O. *et al.* Stress and resilience among pregnant teenagers in Ile-Ife, Nigeria. **European Journal of Midwifery**, [s. l.], v. 5, n. 9, 2021. DOI: <https://doi.org/10.18332/ejm/134181>. Acesso em: 7 jun. 2025.

OYSTRICK, V.; COHOLIC, D.; SCHINKE, R. A scoping review of mindfulness-based and arts-based parenting interventions for adolescent mothers. **Child and Adolescent Social Work Journal**, [s. l.], v. 41, p. 849-871, 2024. DOI: <https://doi.org/10.1007/s10560-023->



00923-2. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1007/s10560-023-00923-2>. Acesso em: 21 dez. 2025.

PINTO, I. V. *et al.* Pregnancy in girls under 14 years old: Spatial analysis in Brazil, 2011-2021. **Ciência e Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 29, n. 9, e10582024, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-81232024299.10582024>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/J3v5kbXBypd3KQDg4nCqyrH/?lang=pt>. Acesso em: 6 jun. 2025.

ROBERTS, K. J. *et al.* Understanding mental health in the context of adolescent pregnancy and HIV in sub-Saharan Africa: a systematic review identifying a critical evidence gap. **AIDS and Behavior**, [s. l.], v. 25, n. 7, p. 2094-107, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1007/s10461-020-03138-z>. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1007/s10461-020-03138-z>. Acesso em: 7 jun. 2025.

SILVA, L. O. M. *et al.* Atividade educativa mediada pela arte sobre o bullying com adolescentes: relato de experiência. **Revista Enfermagem Atual In Derme**, [s. l.], v. 98, n. 2, e024311, 2024. Disponível em: <https://mail.revistaenfermagematual.com.br/index.php/revista/article/view/2131/3740>. Acesso em: 7 jun. 2025.

SU, J. H.; MUSICK, K. How sexism in institutions and everyday interactions shapes early childbearing. **American Sociological Review**, [s. l.], v. 89, n. 6, p. 1141-180, 2024. DOI: <https://doi.org/10.1177/00031224241291602>. Disponível em: <https://mail.revistaenfermagematual.com.br/index.php/revista/article/view/2131/3740>. Acesso em: 7 jun. 2025.

TOLEDO, D. O. *et al.* Estratégias para prevenção de gravidez na adolescência em escolas: revisão integrativa da literatura. **Mudanças: Psicologia da Saúde**, São Bernardo do Campo, v. 33, e2025-015, 2025. DOI: <https://doi.org/10.15603/2176-1019/mud.v33.pe2025-015>. Disponível em: <https://revistas.metodista.br/index.php/mudancas/article/view/2083>. Acesso em: 21 dez. 2025.

VASILENKO, S. A. Sexual behavior and health from adolescence to adulthood: Illustrative examples of 25 years of research from Add Health. **Journal of Adolescent Health**, Philadelphia, v. 71, n. 6S, p. S24-S31, 2022. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.jadohealth.2022.08.014>. Disponível em: [https://www.jahonline.org/article/S1054-139X\(22\)00601-2/fulltext](https://www.jahonline.org/article/S1054-139X(22)00601-2/fulltext). Acesso em: 7 jun. 2025.